

O

TESTAMENTO



500 Réis

GUAJARINA
CASA EDITORA de FRANCISCO LOPES
BELEM — PHONE 1241 — PARA'

DE
Cancão de Fogo

O TESTAMENTO

— DE —

CANÇÃO DE FOGO



Eu creio que o leitor sabe
quem era o Cancão de Fogo,
era aquele que dizia :
Que a vida é como um jogo,
pra morrer não falta tempo,
pra dar não precisa rogo.

Roubar de quem tem de mais
é obra de caridade,
tirar dez de quem tem vinte
está na regularidade,
quem não precisa de tudo
basta ficar com a metade.

Eis o que Cancão de Fogo
disse na hora da morte :
A fortuna tem o peso
que tem a tirana sorte,
a desgraça quando vem
não respeita quem è forte.

Quando ele viu que morria
chamou a mulher pra junto
e disse : Minha mulher
não precisa chorar muito,
não ha tempo mais perdido
do que chorar por delunto.

Disse um filho: Eu vou chamar
com pressa um facultativo,
ali tem um medico bom
inteligente e ativo...

Disse o Cancão: E' asneira
dar remedio a quem está vivo

Agora, depois de eu morto
voce o mande chamar,
pergunte quanto ele quer
para me ressuscitar,
e diga logo, eu só pago
se meu pae se levantar.

Isso não, disse-lhe o filho,
morrendo ahi se liquida...

Disse Cancão: Meu filho
isso é coisa conhecida,
o que não expulsa a morte
não faz com que volte a vida.

A pessoa que tomar
remedio p'ra não morrer,
é como quem salga carne
depois dela apodrecer,
é rezar para São Bento
depois da cobra morder.

Chegou um frade e lhe disse:
Venho ajuda-lo a morrer...

Disse o Cancão:—Sim, senhor,
tenho que lhe agradecer,
deite-se ali para um canto
cuide logo em se torcer.

—Torcer, como ? Disse o frade responde Cancão : Meu amigo o senhor não vem morrer para ir junto comigo ? O frade então disse :—vôte um burro é quem vae contigo.

Disse-lhe Cancão de Fogo : Se eu não estivesse prostado, você tinha que sair cortez e civilisado e só entraria em casa quando fosse chamado.

—Meu irmão, disse-lhe o frade eu vim aqui exhorta-lo, o inferno está aberto e o diabo a espera-lo, as chamas do purgatorio estão prontas para queima-lo.

Disse-lhe o Cancão de Fogo : Frade, quero que me dê explicação do inferno : Lhe peço como mercê, no inferno ainda haverá diabo como você ?

Eu não o mandei chamar nós não temos amizade, eu nunca quiz relações com cigano nem com frade, apenas tenho a dizer-lhe : dane-se por caridade.

Agora quero que chame
o juiz e o escrivão,
de alguns bens que me restam
vou fazer a doação,
e também publicamente
minha recomendação.

Compareceu na casa o juiz
junto com o escrivão,
foram entrando no quarto
aonde estava o Cancão,
o juiz disse: Aqui estou
á sua disposição.

Diga uma coisa: O senhor
tem uns bens para deixar?
—Sim senhor, disse Cancão,
eu não os posso levar
se alguém quizer ir comigo
tem um bom frete a ganhar.

O escrivão disse: Não brinque,
repare que a morte è crua...
—Póde até ser cosinhada
póde vir vestida ou nua,
eu brinco cá com a minha
voce lá respeita a sua.

O juiz lhe perguntou:
Não tem o senhor dois sobrados
e quer deixal os a alguém?
Disse Cancão Estão vexados?
Voces ou são dcis gatunos
ou são meus filhos bastardos!

Disse o juiz: Ora esta...
Entenda se esta charada,
gente em casa me esperando,
o senhor dando massada,
nòs fazendo falta lá
devido a sua embrulhada.

Disse o Cancão: Meu amigo,
você assim não vae bem,
vexames fazem fadigas
as quaes todo mundo tem,
padre, juiz, escrivão,
não fazem falta a ninguem.

Puxou um papel lacrado
de dentro do travesseiro,
foi entregando ao juiz
e disse: Leia-o primeiro,
veja a quem eu constituo
como meu testamenteiro.

Sessenta contos de réis
que tenho depositados
no Banco Nacional,
tres casas e dois sobrados,
estão fóra do testamento,
serão inventariados.

Ao dr. João de Cerqueira,
escrivão dos testamentos,
deixo em Belo Horizonte,
na praça dos Sacramentos,
a casa numero cem
com todos os compartimentos.

Ao dr. Alves de Lyra
eu deixo-lhe em Canta-Galo
a casa numero seis
na rua de São Gonçalo,
e o Sitio dos Ausentes
na capital de São Paulo.

Disse o juiz: Oh, senhor!
É muita amabilidade,
o senhor dar tanta cousa
por sua livre vontade,
a mim e ao escrivão
isso é ter muita bondade.

Não, doutor, disse Cancão,
meus filhos ficam ahi,
podem precisar um dia,
os senhores são daqui....
Disse o juiz: Precisando
já sabem, eu moro ali.

Sairam numa palestra
o juiz e o escrivão,
dizendo um para o outro:
Foi sublime aquella ação,
só assim nos livrariamos
de um calote de Cancão.

Morreu o Cancão de Fogo,
a mulher participou
e poucos momentos depois
o juiz se apresentou,
dahi a uns dez minutos
o tabelião chegou.

Disse o juiz á mulher :
Seu marido já morreu,
com relação ao enterro
deixe que quem fáz sou eu,
não quero que dispenda
um tostão do que é seu.

E passou-lhe um documento
que, emfim, era gratuite,
mandou fazer catacumba,
foi quem fez todo convite,
disse á mulher de Cancão :
Com a senhora estou quite.

Depois de quarenta dias
que o Cancão tinha morrido,
procedeu-se o inventario
foi tudo bem dividido,
filhos e mulher de Cancão
cada qual foi bem servido.

O juiz depois pensou
que havia precisão
de exigir escritura
da familia de Cancão,
chegou lá, não encontrou
quem dêsse definição.

Mas depois disse consigo :
Eu tenho provas legaes,
provo com o testamento,
não preciso nada mais,
para vencer os enganoses
o testamento é capaz.

Saltou em Belo Horizonte,
foi ao hotel, almoçou,
indagou onde era a rua,
uma pessoa ensinou,
a rua era até perto
num instante ele chegou.

Quando o doutor viu o predio
sorriu-se ahi de contente,
examinou-o por fóra
achou-o muito excelente,
tinha cem palmos de fundo
e setenta e cinco de frente.

Então batendo na porta
com pouco um homem chegou
—que deseja cavalheiro ?
O homem lhe perguntou.
—Sou o dono deste predio !
O homem ahi o fitou.

—De qual predio, meu senhor ?
—Deste aqui que você mora...
—Isto é conto do vigario ?
E' cedo, ainda não é hora...
Ahi batendo o postigo
nem falou mais, foi embora.

O doutor João de Siqueira
disse : Momentos danados !
ficou possesso de raiva
porem minutos passados
foi ao cartorio e mandou
dar busca nos registrados.

Foi ao cartorio... Bateu,
saiu o tabelião,
o doutor disse:—Me consta
que o colega é escrivão
e eu venho ao seu cartorio
decidir uma questão.

E puxou assim do bolso
os papeis do testamento
e disse: O colega veja
se acha esse apontamento,
veja se não está legal
todo esse documento.

Encontraram a escritura
da casa já referida,
vendida pelo doutor
Felix Teixeira Guarida,
comprada para uma orfã
da viuva Margarida.

—Colega, como foi isso?
pergunta o tabelião.

—Foi um conto do vigario
passado por um ladrão...
Disse o tabelião: Isso
é igualmente o Cancão.

—Pois foi esse tal Cancão,
que mora no Rio de Janeiro...
Ahi disse o tabelião:
Esse é um grande estradeiro,
quando ele era pequeno
roubou esse mundo inteiro.

Aqui mesmo de uma vez
uma noite de S. João
um ladrão foi roubar ele
e ele roubou o ladrão
e o gatuno por isso
acabou-se na prisão.

O ladrão tinha dois contos
que de alguém tinha roubado,
e julgando que Cancão
fosse um vendedor de gado,
quiz lhe passar um quengo
mais foi quem saiu enganado.

Disse o gatuno ao Cancão :
—Patrão eu tenho um dinheiro
e desejava ter sérias
transações com o cavalheiro.
Disse o Cancão :—E' preciso
que eu o examine primeiro.

O ladrão quando ouviu isso
ficou bastante assombrado,
Cancão de Fogo disse :
—Ladrão eu sou Delegado !
Desde tres horas da tarde
que tinha sido avisado.

O ladrão ficou imóvel
sem saber o que fizesse,
pensou—se aquele dinheiro
acaso o Cancão quizesse,
seria o meio com que ele
dele se desfizesse.

—Meu moço, disse o ladrão,
pela vida de vossos paes,
pela vida de vossa mãe,
me deixae aqui em paz,
soltae-me, que vos prometo
nunca ei de roubar mais.

Ahi tirou o dinheiro
e disse.—Senhor Delegado
pegue dois contos de réis,
aceite de seu criado.
Cancão tomou o dinheiro
e disse:—Vá com cuidado.

Botou-lhe um cerco por fóra
adeante denunciou-o,
a patrulha foi atraz
minutos de pois pegou-o.
o gatuno conheceu
que outro gatuno roubou-o.

O ladrão confessou tudo
quando a policia o prendeu,
inda caçaram o Cancão
ele desapareceu,
o gatuno na cadeia
teve bexiga e morreu.

Um preto aqui fazendeiro,
no tempo da escravidão,
botou-o como empregado
e ele numa ocasião
foi a um comprador de escravos
e lá vendeu o patrão.

Meteu o cobre no bolso
e ninguém o pode achar,
o preto viu-se apertado
para se desembaraçar
o que Cancão tinha feito
deu trabalho a desmanchar.

Passou quengadas enormes
com tanta facilidade,
então nas suas empresas
tinha tal felicidade
que nunca chegou a cair
em poder da autoridade.

Eu não sei como o colega
morando no Rio de Janeiro
não sabia que o Cancão
era o maior estradeiro...
—Estradeiro, não! — Ladrão!
falsificador verdadeiro!

Também o doutor Siqueira
ficou encolerizado,
passou em Belo Horizonte
uma noite incomodado
pelo conto do vigário
que Cancão tinha passado.

Dizia:—Sou escrivão
nunca roubei um vintem,
trinta, quarenta mil réis
não é roubo de ninguém
o roubo que eu considero
é o que passa de cem!

«E eu?!—Fazer o enterro
do diabo do ladrão,
gastar seiscentos mil réis
sem a minima precisão!
Dar sepultura ao gatuno
como se fosse um Barão.

Raios te partam, danado,
lá por onde tu parar!
O prejuizo que eu tive
no inferno has de pagar!
Tenho fê na providencia
que lá tu tens que amargar.

Quasi trezentos mil réis
nesta viagem gastei
quando o diabo morreu
quantas passadas eu dei,
gastar meu tempo e dinheiro
vejam só o que eu lucrei!?».

Tambem voltou apitando
com a caranca mais feia,
chegou em casa deitou-se
e não quiz saber da ceia,
e soube que o juiz
já tinha ido á cadeia.

Porque foi ao Canto-Galo
ver lá a casa que herdou,
na rua de São Gonçalo
a dita casa encontrou,
o morador era o dono
a quem ele intimou.

Como o dono não saiu
botou-o a pulso pra fóra,
o homem foi á policia
o prendeu na mesma hora,
botaram-no no asilo
quasi que não vem embora.

O escrivão logo cêdo
foi á casa de Cancão
e disse pra mulher dele :
Seu marido era ladrão,
depois de morrer roubou-me,
eu sendo dele escrivão !

A senhora viu a casa
que ele pra mim deixou ?
A casa é de uma orfã
pois ele nunca a comprou.
Disse a mulher de Cancão :
Doutor ele não a levou.

E meu marido deixou
o predio que o senhor diz,
deixou vinte e um Estados
que tem o nosso paiz,
ficou para quem quizesse,
ele nada disso quiz.

O doutor corou e disse :
Tambem garanto á senhora,
se Deus botal-o no ceu
póde esperar pela hora
de uma quengada dele,
que bóta até Deus pra fóra.

Porque eu nunca encontrei
ladrão fino como aquele,
desgraçado do defunto
que sepultar-se com ele,
eu acho Cancão capaz
de roubar os ossos dele.

E a senhora também
(desculpe minha ousadia)
vossa mercê herdou dele
costume e categoria,
pois a mulher do filosofo
aprende a filosofia

A mulher disse :—Doutor
meu marido não roubava,
mais com algum escrivão
com quem se comunicava
sendo um pouco inteligente
muitas coisas decorava.

Ele chamou os senhores
quando estava aqui prostado,
porque queria imitar
o Cristo Crucificado,
queria também morrer
com um ladrão de cada lado...

O doutor sabe que a pessoa
estando perto de morrer
as vezes sente remorsos
e teme de se perder,
dizem que no outro mundo
todos terão que sofrer

O doutor não viu o frade
vir também por sua vez?
E não viram meu marido
que barulho logo fez?
Disse:—Eu chamei dois ladões
não é necessario trez.

Ahi disse o escrivão:
Dê licença, eu vou embora,
sou obrigado a dizer
que tenho mêdo da senhora,
eu acho vossa excellencia
capaz do vender-me agora.

—Atê logo, senhor doutor,
disse a mulher de Cancão,
aqui fico às suas ordens
se acaso houver precisão,
t m uma criada aqui
á sua disposição...

—Dane-se, cachorra doida,
disse o escrivão correndo,
o diabo è quem vem cá
ainda estando morrendo,
o quengo do teu marido
parece que em ti estou venlo.

F I M



São Nossos Agentes:

- Em MANAUS — Marques & Gaspar — Livraria do Mercado e Livraria do Povo, Rua Marquez de Santa Cruz, 45.
- Em RIO BRANCO (Acre) — Manoel Rodrigues — Casa Madrid.
- Em SANTAREM — João Alves Filho — Sobrado Velho da Aldeia.
- Em MARABA' — José Bandeira de Souza
- Em BOA VISTA (Goyaz) — Perminio Wanderley.
- Em SAO LUIZ (Maranhão) — Valentim Maia, Rua Affonso Penna, 95-A
- Em CAXIAS (Maranhão) — Trindade Vidigal & Filho — Rua Aarão Reis n. 8
- Em GRAJAU' — Trezidéla — Maranhão — Raymundo Martins Jorge.
- Em THEREZINA — Pedro Soares de Carvalho, Rua Ruy Barbosa, Planalto Vermelho
- Em NATAL (R.G.do Norte) — Ramos & Irmão — *A Parahybana* — Rua Dr. Barata, 197
- Em XAPURY (Acre) — Raymundo Castello da Silva.
- Em FORTALEZA (Ceará) — Raymundo M. Barroso — Mercado Novo.
- Em VIÇOSA — F. Bastos Sampaio.
- Em SOBRAL — José Fernandes Nogueira — Praça da Figueira.
- Em IPU' — Francisco das Chagas Paz.
- Em PARNAHYBA (Piauhy) — Antonio Marques de Oliveira — Av. Capitão Claro, n. 18
- Em AMARANTE (Maranhão) — Elias Lopes da Silva
- Em ICATU' (Maranhão) — Orlando Lima.

1939



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).